

A SANTÍSSIMA TRINDADE

31 DE MAIO DE 2026

MATEUS 28.16-20

1 ENCONTRANDO O TEMA PRINCIPAL DO DOMINGO ATRAVÉS DA LEITURA DO SALMO, ANTIGO TESTAMENTO (OU ATOS), EPÍSTOLA E EVANGELHO

1.1 Salmo 8

O salmo trata da majestade de Deus e a dignidade restaurada do ser humano em Cristo. É atribuído a Davi e possui caráter de louvor. Ele começa e termina com a mesma exclamação — uma espécie de moldura, destacando o foco central: a glória do Senhor.

O salmo aborda a criação, dialoga diretamente com Gênesis 1. Ao mesmo tempo, é profundamente cristológico, sendo aplicado a Cristo em Hebreus 2.

O uso do termo “Nome” (שֵׁם – *shem*), não apenas busca a identificação, mas traz a revelação do ser de Deus. Assim, é possível entender o uso para “Senhor” (YHWH) + “nosso” na compreensão de um Deus transcendente, mas também relacional, o qual revela sua glória a “toda a terra”.

A glória de Deus não depende da percepção humana. Ela já preenche toda a criação. Antecipando o tema no evangelho do dia, destaco o versículo 2 “*Da boca de pequeninos e crianças de peito suscitaste força...*”. O termo “força” (*oz*) pode ser traduzido como *louvor estabelecido*. Deus usa o fraco para confrontar o forte, ecoado por Jesus em Mateus 21.16. Assim, a obra de Deus não depende de poder humano — ele age por meios humildes (crianças batizadas).

1.2 Gênesis 1.2-2.4^a

Há um padrão literário repetitivo: “Disse Deus... houve... viu Deus que era bom... foi tarde e manhã...”. Sugere a intencionalidade da construção cuidadosamente estruturada, contrastando a ideia de uma realidade caótica, mas precedido simplesmente por um nada, no qual a criação vem em um crescente ordenado.

O destaque, para fins de pareamento com as leituras do dia, é para com o versículo 26: “*E Deus disse: Façamos o ser humano...*”. Deus está no singular, mas o verbo *façamos* está no plural. Destaque relevante para a doutrina da Trindade, a qual se apresentará ao longo do ensino bíblico e, de forma especial, no evangelho deste dia.

O uso de “*imagem de Deus*” é plenamente revelado em Cristo (cf. Colossenses 1.15). O homem caído encontra restauração no novo Adão. Ainda, e tão relevante, cabe lembrar que Deus não descansa por cansaço, mas estabelece um padrão: conclusão e plenitude. Nisto revela três ações: descansou, abençoou, santificou. O tempo é santificado, não apenas o espaço. Assim, o descanso aponta para algo maior — desenvolvido em Hebreus 4: O verdadeiro descanso é escatológico, em Cristo.

1.3 Atos 2.14^a, 22-36

Estamos no Pentecostes. O Espírito foi derramado (2.1–21) e agora Pedro interpreta/prega o evento. No discurso, predomina o tema: “*Jesus, o crucificado, é o Senhor exaltado: arrependimento diante da obra de Deus*”. Não é um discurso emocional, mas sim teológico, fundamentado nas Escrituras. Destaco alguns pontos:

v.22: “Jesus, o Nazareno, homem aprovado por Deus...”. Jesus é apresentado como homem presente na história, “*Nazareno*” e seus sinais confirmam sua identidade. A fé cristã não nasce no abstrato. Ela está enraizada em fatos.

v.23: “entregue conforme plano determinado”. Tudo é cumprimento ao plano soberano de Deus, mas não um fatalismo. Existe a responsabilidade humana: “vós o matastes”. Duas verdades lado a lado, sem diluição. Deus governa, mas o homem é responsável. Não se misturam, mas coexistem.

v. 24-28: A morte não pôde reter Cristo – uso do salmo 16, mostrando que a escritura já apontava para isso. O Antigo Testamento encontra seu cumprimento em Cristo.

v.32-35: Revela a trindade na unidade. O Pai e o Filho: “Deus ressuscitou este Jesus” e “exaltado”; o Espírito Santo: “derramou isto”. Ressurreição → exaltação → envio do Espírito. Cristo reina agora. O Pentecostes não é evento isolado, mas é resultado da entronização de Cristo.

v.36: Aqui temos Lei: “vós o crucificastes” e Evangelho: “Deus o fez Senhor e Cristo”.

2 O APROFUNDAMENTO DO TEXTO - MATEUS 28.16–20

2.1 Contexto geral

Estamos no encerramento do Evangelho de Mateus. Aqui não há ascensão narrada como em Lucas ou Atos. Mateus termina com envio, não com despedida, mas com presença contínua.

É o Cristo ressuscitado falando. Nisto, temos a fé na vitória sobre a morte. E isso muda tudo, especialmente diante de tantas teologias que ainda permanecem na ênfase do ensino da salvação por obras.

2.2 Contexto histórico

O texto de Mateus 28.16–20 está no contexto do período imediatamente posterior à ressurreição de Jesus, por volta do século I, dentro de uma Judeia sob domínio do Império Romano, marcada por tensões políticas, expectativas messiânicas e forte religiosidade judaica centrada em Jerusalém. Após a crucificação — um método romano reservado a rebeldes e criminosos — e os relatos da ressurreição, os discípulos retornam à Galileia, região periférica e culturalmente menos prestigiada, conforme instrução do próprio Jesus. Esse detalhe é significativo: a revelação final e o envio missionário não ocorrem no centro religioso oficial, mas nas margens, indicando já a expansão do Evangelho para além de Israel. Além disso, a comunidade cristã nascente ainda não está ‘institucionalizada’, entendam bem; trata-se de um pequeno grupo de seguidores que vive entre o judaísmo e a abertura aos gentios, num momento de transição histórica decisiva. Nesse cenário, a declaração de que Jesus possui “*toda autoridade no céu e na terra*” confronta tanto o poder imperial romano quanto as lideranças religiosas judaicas, estabelecendo uma nova realidade: o Cristo ressuscitado é o verdadeiro Senhor, e sua missão agora ultrapassa fronteiras étnicas, culturais e geográficas.

2.3 Contexto geográfico

No relato de Evangelho de Mateus 28.16–20, o cenário geográfico desloca-se de Jerusalém para a região da Galileia, ao norte, onde Jesus havia iniciado grande parte de seu ministério. Trata-se de uma área marcada por colinas, campos agrícolas e proximidade com rotas comerciais que ligavam diferentes povos, o que lhe conferia um caráter mais aberto e menos rígido do que a Judeia. O encontro ocorre “num monte”, elemento recorrente em Mateus como lugar de revelação divina, evocando episódios anteriores de ensino e manifestação de autoridade de Jesus. Diferente do ambiente urbano e religioso de Jerusalém, a Galileia representa um espaço de transição e alcance, quase uma “fronteira missionária”. Assim, o fato de o envio dos discípulos acontecer ali não é casual: geograficamente, já aponta para a expansão do Evangelho “a todas as nações”, partindo de uma região periférica, mas estrategicamente conectada ao mundo mais amplo.

Quanto ao monte, sem definição. Existe uma tradição ligando o relato ao monte Tabor, mas não há base textual sólida para afirmar isso com segurança. O Monte das Oliveiras, ainda que seja relatado em Atos 1.12, se torna difícil de compreensão uma vez que em Mateus 28.16 lemos que partiram para Galileia (o que nos leva a uns 120km de Jerusalém, onde o Monte das Oliveiras fica cerca de 1 km). Assim, o mais responsável exegeticamente é reconhecer que o local exato não é o ponto central do texto, mas sim o acontecimento e o relato do que é dito, não onde foi dito.

2.4 Destaques por versículos

v.16: *“Os onze discípulos partiram para a Galileia, para o monte que Jesus lhes designara.*

“ἔπορευθησαν” (eporeúthēsan) – “foram / partiram”: indica obediência deliberada.

“Os onze” (οἱ ἕνδεκα) é significativo e abre algumas linhas de interpretação. 1ª) A leitura mais simples e geralmente preferida é: trata-se literalmente dos onze apóstolos remanescentes, após a morte de Judas. Aqui temos o apoio nos comentários de Lange, Lenski e France. 2ª) Alguns intérpretes reconhecem que, mesmo sendo os onze, eles podem estar ali como representantes de um grupo maior. 3ª) Estariam outros discípulos presentes? Agostinho, ainda que não entre diretamente no debate se haviam mais do que onze, diz: Os evangelistas mencionam grupos específicos sem necessariamente excluir

outros presentes. Tomás de Aquino, define o grupo apenas como sendo os onze apóstolos e vê neles os portadores oficiais da autoridade apostólica. E faz, ainda, uma ilusão interessante a este versículo: sinal da perda (Judas) e a continuidade da missão. A ordem de Cristo é dada aos apóstolos, mas se estende à Igreja por meio deles.

v.17: *“E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram.”*

“προσεκύνησαν” (prosekýnēsan) – “adoraram”: gesto reservado a Deus.

“ἐδίστασαν” (edístasan) – “duvidaram”: hesitação, não incredulidade total.

Sobre “alguns duvidaram”. Encontrei posições diversas sobre a questão. Há quem diga que os onze não poderiam duvidar. Há quem aponte que a dúvida, inclusive de alguns dos doze, seja sobre a adoração, não sobre a ressurreição. Outros, ainda sugerem que a dúvida estaria entre os demais presentes que afirmam estarem junto, mas não citados pelo texto.

No entanto, sabemos que adoração e dúvida coexistem. Assim, como medo e alegria, no caso da ressurreição. Isso é profundamente humano. A fé cristã não elimina a tensão. A presença de Cristo sustenta mesmo a fé vacilante. Cristo não rejeita discípulos inseguros. No entanto, ele os usa para a missão e os envia. Não ignoro a ideia de que a dúvida possa ter estado no coração de alguns dos onze mesmo.

v.18: *“Toda autoridade me foi dada no céu e na terra.”*

“ἐξουσία” (exousía) – autoridade soberana, direito absoluto de governar.

“foi dada”: aponta para o Pai — há relação trinitária.

“céu e terra”: linguagem totalizante (cf. Gênesis 1).

Conexão com Gênesis 1.1–2,4^a. O Deus criador agora é o Cristo exaltado, que tem o mesmo domínio sobre toda a criação. Em Cristo, reconhecemos que a missão não depende da força do ser humano ou de seus grupos, ou até da Igreja, mas da sua autoridade. Não é a Igreja que tem uma missão. É Cristo que tem autoridade e envia a Igreja.

v.19: *“Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.”*

“μαθητεύσατε” (mathēteúsate) – “fazei discípulos” (imperativo central).

“πορευθέντες” (poreuthéntes) – “indo”: participio, ação contínua.

“βαπτίζοντες” (baptízontes) – “batizando”.

“εἰς τὸ ὄνομα” (eis to ónoma) – “para dentro do nome” (união real).

O verbo principal é “fazer discípulos”. “Ir”, “batizar” e “ensinar” são meios.

Por este versículo, destacamos e acentuamos o ensino sobre a teologia trinitária. Temos, aqui, uma das formulações mais claras da Trindade: um “nome” (singular), três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo.

Conexões são feitas, de forma clara, com o Salmo 8, que revela um Deus soberano sobre toda a criação; e com Atos 2, onde lemos sobre o início da missão com o Espírito Santo.

Considerando um aspecto mais hermenêutico, podemos destacar que o discipulado acontece por meios concretos: Palavra ensinada e Batismo administrado. Nada de invenção, decisão, participação humana. São sim, meios da graça. Assim podemos afirmar que a Igreja não cria discípulos com estratégias, mas com Palavra e Sacramentos.

v. 20: *“Ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século.”*

“τηρεῖν” (têreîn) – guardar, preservar, obedecer – “todas as coisas”. O ensino não tem seletividade. Talvez isto não diga nada, mas por vezes existe seletividade em meio ao ensino. Pensem naquela história para crianças, a qual é muito desafiadora de ser contada, pois escandaliza. Ou aquele momento com os jovens, a qual pode causar certa decepção. Ou ainda, com os adultos, a qual os fará desprezar a palavra. Muitas vezes, selecionamos histórias/ensino por acharmos que podemos fazer melhor, ou até, por pensarmos que não seria devido. Ensino envolve tudo, o integral. Por mais difícil, desafiador, incompreensível ou escandaloso que seja, pois a Palavra traz a Lei e o Evangelho.

“ἐγὼ μεθ’ ὑμῶν εἶμι” (egō meth’ hymōn eimi) – “Eu estou convosco”, eco de “Eu Sou” - “todos os dias”. Uma presença contínua, não ocasional. Inclusive associado com o parágrafo acima. Também inclui os momentos que o pecado até desafia a compreensão de um Deus presente. Sim, não um Deus conivente, mas o Deus onisciente, onipresente e onipotente. Que age com justiça e com amor busca. Com graça salva e por meio do ensino se revela presente.

“até a consumação” - perspectiva escatológica. Esta verdade nos leva a olhar sempre para o fim, ou para um presente que a qualquer momento pode terminar. Por mais distante ou próximo que esteja, não sabemos, mas cremos, por isso ensinamos.

3 O QUE EU PREGARIA? IDEIAS E ILUSTRAÇÕES

A partir do texto de Mateus 28, faria a conexão com Atos 2, destacando que o Espírito nos revela a presença de Cristo na Igreja e nos leva a agir pela sua presença em nossas vidas.

A presença de Cristo não é simbólica, mas é real e eficaz nos meios da graça. A missão é sustentada não pela força humana, mas pela presença constante de Cristo.

Pensando numa síntese teológica, em que o texto de Mateus 28 apresenta três pilares, formulei uma opção para a construção da mensagem: 1. Cristologia - Cristo ressuscitado possui toda autoridade; 2. Trindade - A missão é trinitária — Pai, Filho e Espírito Santo; 3. Ecclesiologia - A Igreja é enviada para fazer discípulos por meios definidos.

Assim, um tema possível seria: *“Sob a autoridade de Cristo, a Igreja vive para fazer discípulos, sustentada pela presença do Deus Triúno”*. Caso, julgue muito extenso, outra sugestão: *“Missão em o nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”*.

Estrutura para pregação:

- a) A Igreja vai — mesmo imperfeita (v.16-17);
- b) Cristo reina — com autoridade total (v.18);
- c) A Igreja faz discípulos — por meios concretos (v.19-20a);
- d) Cristo permanece — até o fim (v.20b);

Aqui está o consolo que sustenta qualquer pastor, qualquer cristão cansado: A missão não depende da firmeza da sua fé, mas da autoridade de Cristo e da promessa da sua presença.

E convenhamos... isso muda o peso do ministério. Não é você que carrega a Igreja, mas é Cristo quem carrega você nela. E isto é uma verdade que precisa ser destacada diante de um mundo infestado por teologia da glória; desejos pessoais de sucesso e de bem-estar; e, também, de uma ênfase da salvação por decisão própria e por obras.

4 SUGESTÃO DE SERMÃO

Tema: Sob a autoridade de Cristo, a Igreja vive para fazer discípulos, sustentada pela presença do Deus Triúno

Há momentos em que a Igreja parece pequena, fraca, até insegura. E, sejamos honestos, isso não é novidade. No texto que temos diante de nós, não são multidões confiantes, mas onze homens marcados por falhas, medo e dúvidas. Ainda assim, é exatamente a esses que o Cristo ressuscitado entrega a sua missão.

a) A Igreja vai — mesmo imperfeita (v.16-17). Os discípulos obedecem. Eles vão à Galileia. Não porque estavam prontos, mas porque foram chamados. E ali acontece algo curioso: ao verem Jesus, eles o adoram — mas alguns duvidam. Veja só: adoração e dúvida no mesmo coração.

Isso consola. Porque, às vezes, pensamos que só podemos servir quando estivermos espiritualmente “em ordem”. Mas Cristo não espera discípulos perfeitos — Ele envia discípulos reais. A Igreja não é formada por heróis da fé, mas por pecadores que caminham confiando.

b) Cristo reina — com autoridade total (v.18). Então Jesus se aproxima e declara: “Toda autoridade me foi dada no céu e na terra.” Aqui está o fundamento de tudo. A missão não nasce da capacidade da Igreja, mas da autoridade de Cristo.

Ele não diz: “Tentem, se puderem.” Ele afirma: “Eu tenho toda autoridade.” Sobre a vida, sobre a morte, sobre a história, sobre os corações. Isso muda completamente a perspectiva. A Igreja não age por conta própria — ela é enviada por aquele que reina sobre tudo.

c) A Igreja faz discípulos — por meios concretos (v.19-20a). “Portanto, ide, fazei discípulos...” Este é o centro. Fazer discípulos não é apenas transmitir informação, nem produzir simpatizantes. É formar pessoas que vivem sob a Palavra de Cristo.

E como isso acontece? Jesus é claro: batizando e ensinando. Veja, não há invenção aqui. Não há técnicas mirabolantes. Há meios simples, mas poderosos: o Batismo, onde Deus Espírito Santo age; e o ensino da Palavra, onde Cristo fala.

E mais: “todas as coisas que vos tenho ordenado.” Não é um evangelho pela metade. Não é uma fé adaptada ao gosto do momento. É o ensino completo, fiel, que forma e sustenta.

d) Cristo permanece — até o fim (v.20b). E então vem a promessa que sustenta tudo: “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação do século.”

Não é uma presença ocasional. Não é uma visita esporádica. É presença constante. Todos os dias. Nos dias bons e nos dias difíceis. Nos cultos cheios e nas reuniões vazias. Na alegria e no cansaço.

Cristo não apenas envia, ele acompanha. Não apenas ordena, ele sustenta. A missão nunca é solitária, porque o Senhor da missão está presente.

Rev. Klaus Kuchenbecker

Planaltina/DF